

A BÍBLIA JUDAICO-CRISTÃ

A bíblia (do grego *biblia* que significa livros) é o livro sagrado tanto para judeus quanto para cristãos. As escrituras judaicas são compostas pelo Antigo Testamento (AT), uma coleção de 39 livros, cuja maior parte foi escrita em hebraico, com algumas passagens em aramaico. A bíblia cristã engloba esses livros mais o Novo Testamento (NT); em algumas tradições, contém também os deuterocanônicos. O novo testamento é composto por 27 livros, escritos em grego *koiné* entre 50 e 100 d.C. O deuterocânon ou apócrifa, também escrito em grego, é conhecido como canônico, isto é, fidedigno em termos de doutrina religiosa, pelas tradições Católico-romanas e Ortodoxas, mas não o são pelas denominações anglicanas ou por qualquer outra protestante.

HISTÓRIA DA TRADUÇÃO BÍBLICA

O início da tradução bíblica pode ser remetido ao incidente narrado no livro de Neemias 8: 5-8, muitos séculos antes do nascimento de Cristo. Depois de viverem muitas décadas exilados na Babilônia, muitos judeus não falavam nem entendiam o hebraico. Então, quando os exilados voltaram para Jerusalém, e Esdras reuniu o povo para ouvir a leitura da Lei de Moisés, os sacerdotes levitas tiveram que traduzir o significado dos textos sagrados para o aramaico a fim de que o povo entendesse. Desde então, judeus e cristãos continuam a enfatizar a importância das escrituras serem entendidas por todos os cristãos.

A mais antiga tradução escrita da bíblia que se conhece é a Septuaginta, uma tradução do hebraico para o grego dos textos do AT, realizada principalmente para os judeus falantes do grego que viviam na diáspora Greco-romana. De acordo com a tradição, essas versões que incluem os livros deuterocanônicos foram o resultado do trabalho em conjunto de 72 judeus eruditos que completaram a tarefa em 72 dias, levando ao nome e abreviação: *Septuaginta* Latina = 70, LXX. A tradução começou sob o reinado de Ptolemy II do Egito e se realizou em Alexandria ou nos seus arredores durante o terceiro ou segundo século a.C. Embora essa tradução e suas interpretações do texto hebraico tenham sido criticadas desde o início, a Septuaginta tem, contudo, servido como uma referência padrão desde aquele tempo. É a fonte da maior parte das citações do Antigo Testamento no Novo Testamento. Hoje a Septuaginta tem influência considerável nas questões de interpretação e dificuldades textuais, e seu estudo continua lançando luz aos princípios da tradução usados no mundo antigo. Porém, no segundo século d.C., judeus eruditos como Áquila, Teodócio e Symmachus produziram novas traduções e/ou versões revisadas da Septuaginta que foram preservadas por Orígenes (c.185-c.245 d.C). O *Targum*, literalmente "tradução", é um tipo de paráfrase fluente sobre o texto hebraico em aramaico, cuja origem remonta a antes do tempo de Cristo, mas que ainda hoje é lido publicamente nas sinagogas no mundo todo.

Enquanto o Novo Testamento (NT) era compilado e seu conteúdo se firmava, por volta de 367 d.C, sob o comando de Atanásio, bispo de Alexandria, as traduções da bíblia eram realizadas em várias línguas européias e do Oriente Médio. O NT foi traduzido para o latim, para as línguas do antigo império Romano (incluindo a África Oriental), bem como para o copta, falado pelos cristãos egípcios e para o siríaco. Esta última tradução serviu para os judeus recém-convertidos e/ou novos cristãos na região da Mesopotâmia (Síria). A bíblia siríaca revisada, conhecida como a *Peshitta*, versão "simples", é amplamente citada nas discussões do texto bíblico.

Em 383 d.C., o papa Dâmaso I incumbiu Jerônimo de traduzir toda a bíblia para o latim, tarefa finalizada em 406. Essa versão, conhecida como Vulgata, serviu por séculos como referência para traduções em várias línguas, incluindo o armênio, georgiano, etíope, árabe, persa e gótico.

Enquanto isso, a pesquisa erudita sobre os textos hebraicos do AT continuava, cujo sistema de escrita original incluía apenas consoantes. Embora sistemas experimentais para marcar vogais e acentos (*'masorah'* = massoreta) tenham sido inventados na Babilônia e na Palestina, a padronização básica só veio por volta do século nono, pelo trabalho de Moshe ben Asher e de estudiosos de Tibério. Este texto Massorético (TM) tem servido como texto fonte

para a maioria das traduções judaico-cristãs desde aquele tempo. Sua última edição completa, a *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* é usada em todo o mundo como texto-fonte primário do AT.

A invenção da impressão por volta da época da Reforma e o interesse crescente por línguas nacionais como alemão, inglês, francês e espanhol levaram à publicação das traduções da bíblia em vários vernáculos europeus. Martinho Lutero, John Wycliffe e William Tyndale estão entre os pioneiros que traduziram a bíblia numa linguagem acessível a todos, muitas vezes à custa de grande sacrifício pessoal. Muitos consideravam uma heresia a tradução de textos sagrados de 'línguas tidas como sagradas' (hebraico, grego e latim) para os idiomas nativos (língua materna). Mas apesar da séria oposição, esse período presenciou o nascimento de muitas versões bíblicas, que servem como referência até hoje; como exemplos: a King James ou authorized version (AV – Versão Autorizada) em inglês (1611), a tradução francesa de Olivétan (1535) e a versão de Lutero, entre outras.

O progresso na tradução da Escritura no continente europeu continuou firmemente pelos séculos seguintes, com um acentuado crescimento na atividade de tradução bíblica no início do século XIX. Este grande impulso tem continuado, quase sem obstáculos, no século XXI. Os anos de 1800 começaram o que poderia ser chamado de a era missionária da tradução da Bíblia. O crescente interesse em levar o Evangelho aos confins do mundo foi acompanhado pelo total empenho em traduzir a Bíblia para 'línguas desconhecidas'. Na primeira onda estavam os 'grandes missionários', que dedicaram o trabalho de toda uma vida para aprender e transformar em texto escrito os principais idiomas do mundo; são eles: Adoniram Judson (birmanês), Robert Morrison (chinês), William Carey (bengali, sânscrito, marati, hindi) e Henry Martyn (urdu, persa e árabe). Durante esse período, partes da escritura foram publicadas em centenas de línguas do mundo inteiro, literalmente: tailandês ou siamês no oriente; Maya e quechua, nas Américas; suaili, na África. Embora por vezes não mencionados, os tradutores nativos (que traduzem para sua língua materna) foram os principais colaboradores da tradução da Bíblia durante esse período. Por exemplo, em 1843, o Bispo Samuel Ajayi Crowther, falante de iorubá, começou a trabalhar na Bíblia iorubá na Nigéria, finalmente concluída em 1884. Esse período de atividade missionária coincidiu com o nascimento da influente Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (1804), bem como de muitas outras sociedades bíblicas no mundo: Dublin (1804); Paquistão Oriental (1811); Ceilão (1812); Etiópia (1812); Maurício (1812); os EUA (a Sociedade Bíblica Americana, 1816); e África do Sul (1820).

Juntamente com as muitas traduções realizadas em línguas nunca antes escritas, o final do século XIX e o século XX testemunharam o aumento do número de traduções da Bíblia feitas nas principais línguas européias. Tomando como exemplo o inglês, após a publicação da Bíblia Inglesa Revista, em 1885, vem havendo um fluxo constante de novas traduções: *American Standard Version* (1901), a *Revised Standard Version* (1952), a *Jerusalem Bible* (1966), a *Revised English Bible* (1970), a *New American Bible* (1970), a *New Living Bible* (1971, 1989, 1996), a *New Jerusalem Bible* (1985), a tradução do AT pela Sociedade de Publicação Judaica (TANAKH, 1985), bem como traduções da Bíblia feitas por acadêmicos, incluindo Edgar J. Goodspeed, James Moffatt, Peterson Eugene, JB Phillips e Ken Taylor, entre outros.

Um momento decisivo ocorreu nos anos de 1950 e 1960, à medida que uma série de fatores levou a um novo foco na teoria e nos procedimentos de tradução da Bíblia. Em 1947, importantes descobertas arqueológicas foram feitas em Qumran, com os Manuscritos do Mar Morto fornecendo novos textos e provendo mais informações sobre o contexto cultural e histórico da formação da escritura. Praticamente na mesma época, novos progressos nos estudos linguísticos e antropológicos contribuíram para a reflexão sobre a teoria e a prática da tradução bíblica. Em resposta ao interesse crescente pelas Escrituras em línguas não-europeias, a ênfase foi colocada em fazer os leitores aptos a ler e entender a Bíblia. Diretrizes foram propostas para garantir versões naturais e compreensíveis que permanecessem fieis aos textos-fonte (NIDA 1964; NIDA E TABER 1969; BEEKMAN E CALLOW 1974; CALLOW 1974; BARNWELL 1975/1986). As decisões tomadas no Vaticano II (1965) promoveram o uso das traduções vernáculas, junto com o latim, nos ambientes litúrgicos. Todos esses fatores combinados com o crescente interesse na bíblia e o apoio ao que é conhecido hoje como 'versões em linguagem comum', as traduções pretendiam a comunicação com o 'homem comum'. Essas traduções, muitas das quais eram interconfessionais, a princípio encontraram resistência, mas por fim se tornaram best-sellers. Entre elas estão: *Today's English Version*,

também conhecida *Good News Bible* (TEV 1966, 1976, 1994; GNB, 1976) e a *Contemporary English Version* (CEV 1995); em francês, *Français Courant* (1982, 1997) e *Parole de Vie* (2000); em espanhol, *Dios Habla Hoy* (1966 1979); e em alemão, *Die Gute Nachricht* (1982, 1997). Hoje algumas traduções estão sendo produzidas em linguagens simplificadas; o espanhol, por exemplo, *Versión en Lenguaje Sencillo* (2003), que pode ser usada tanto por crianças como por usuários do espanhol como segunda língua.

Com o tempo, a causa da tradução bíblica, uma vez defendida principalmente por missões, igrejas e indivíduos tem se tornado obra de organizações do mundo inteiro, cujo enfoque centra-se nessa tarefa em particular. A instituição Sociedades Bíblicas Unidas (UBS – United Bible Societies), com seus esforços de tradução liderados por Eugene A. Nida, foi fundada em 1946 e atualmente reúne mais de 200 sociedades bíblicas nacionais, cuja tarefa principal é a tradução e distribuição das Escrituras em todo o mundo. O Summer Institute of Linguistics (SIL, também conhecido como Wycliffe Bible Translators [Tradutores da Bíblia de Wycliffe), fundado em 1942, por Cameron Townsend e até recentemente liderado pelo linguista-missionário Kenneth L. Pike, continua a apoiar o trabalho das equipes de tradução da Bíblia em todo o mundo. Compostas por estrangeiros e falantes de língua materna, o trabalho dessas equipes muitas vezes envolve a aprendizagem e análise de línguas, a fim de determinar princípios, gramática escrita e dicionário adequados, que são todos úteis na empreitada de tradução da bíblia. Enquanto as equipes da SIL inicialmente se concentraram na tradução do NT, consideradas mais importantes para as necessidades evangelísticas, o interesse hoje se estende a toda Bíblia. Tanto o SIL quanto a Sociedades Bíblicas Unidas (USB) têm um sistema de controle de qualidade realizado por consultores com nível de PhD em tradução. Essas duas organizações mundiais estão unidas em seus esforços a muitos outros órgãos, incluindo Pioneer Bible Translators [Tradutores pioneiros da bíblia]; Lutheran Bible Translators [Tradutores da bíblia luterana]; e International Bible Translators [Tradutores internacionais da bíblia].

No início do século XXI, a atividade de tradução bíblica não diminuiu, pois cada vez, mais e mais projetos de tradução bíblica estão sendo colocados em ação, e revisões sendo empreendidas. O uso da escritura gerou um novo interesse em disponibilizá-la em formatos variados: Bíblias de estudo; Bíblia em quadrinhos; ‘histórias’ bíblicas, bem como mídias não-impresas, como fitas cassetes de música, vídeos, rádio, TV, bíblias on-line etc. As bíblias em braile, bem como a bíblia de sinais em vídeo estão disponíveis nas diferentes línguas de sinais em todo o mundo (ver INTERPRETAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS - LIBRAS).

Como o interesse em tradução bíblica continua em níveis elevados, os procedimentos e perfis do pessoal envolvido na tradução da Bíblia continuam a crescer. Durante a era missionária, o papel dos falantes da língua-materna era mal definido, e os ‘assistentes nativos’ muitas vezes permaneciam desconhecidos. No entanto, hoje com o colonialismo justificadamente relegado à história, e com a diminuição do papel dos missionários expatriados, inicia-se uma nova era na tradução da bíblia (BESSONG E KENMOGNE 2007; SÁNCHEZ-CETINA, 2007). Enquanto a formação de tradutores em 1970 estava sendo discutida e incentivada, hoje, os exegetas e tradutores da língua materna estão sendo treinados em altíssimo nível em todo o mundo. Cursos de graduação e pós-graduação, incluindo estudos em linguística, teoria da comunicação, exegese bíblica, hebraico e grego, juntamente com a teoria e a prática da tradução estão formando profissionais da língua materna altamente qualificados. Enquanto no passado a maioria dos consultores da tradução bíblica eram exilados ocidentais, os consultores da tradução bíblica de hoje vêm de todos os continentes do globo.

As equipes de tradução da bíblia também estão equipadas com novas tecnologias, atualmente. Os computadores permitem que os tradutores deixem de lado os inúmeros rascunhos manuscritos do passado. Por meio de programas inovadores como o Paratext (um programa projetado pela UBS e patrocinado pela SIL), os tradutores podem ter acesso instantâneo nas suas telas a dezenas de versões da bíblia, incluindo textos-fonte, bem como definições de dicionário e análise das formas hebraicas e gregas. A correção ortográfica do manuscrito e as verificações de pontuação que no passado levavam meses de trabalho tedioso, hoje são realizadas em muito menos tempo, com o auxílio de programas de computador. Tentativas de se pensar na TRADUÇÃO POR MÁQUINA e na ADAPTAÇÃO produziram resultados desiguais num primeiro momento ou versões controversas, no segundo. As novas tecnologias têm dado às equipes de tradução bíblica em todo o mundo um novo sentido de autonomia.

De certa forma, os tradutores bíblicos do século XXI podem ser comparados aos primeiros pioneiros: Jerônimo, Lutero e Tyndale, já que hoje, mais uma vez, o principal objetivo é ter tradutores da língua materna qualificados usando linguagens bíblicas para consultar o texto-fonte, a fim de produzir versões compreensíveis e fiéis nas próprias línguas. A diferença é que os tradutores da bíblia, nos dias de hoje, têm a vantagem de 2 mil anos de pesquisa, de modelos de interpretação e tradução, bem como acesso a ferramentas tecnológicas poderosas.

ABORDAGENS E TEORIA DE TRADUÇÃO

É difícil falar de teoria da tradução durante os primeiros anos da tradução da Bíblia. A análise das primeiras traduções conhecidas revela que diferentes tradutores sempre usaram abordagens e convenções diferentes. No entanto, apesar de séculos e até milênios de reflexão e discussão, as questões básicas da tradução bíblica permanecem surpreendentemente as mesmas; entre elas estão se uma tradução tende a ser mais ou menos literal, isto é, o quanto as formas e estruturas da língua-fonte se refletem na tradução; se as palavras são traduzidas de forma consistente (especialmente os termos-chave de importância teológica especial); o quanto a tradução se adapta ao texto-fonte permitindo modos naturais de expressão na língua-alvo; e, quanto de estrangeirização é aceito, permitindo aos leitores experimentarem a 'alteridade' do texto estrangeiro. Uma breve visão dos desenvolvimentos da teoria e prática na tradução bíblica nas últimas décadas fornece algumas reflexões sobre essas questões.

Na primeira parte do século XX, as traduções mais aceitas eram as que ficavam mais próximas das estruturas gramaticais hebraicas e gregas. No mundo anglófono, por exemplo, a Versão Autorizada ou King James (Versão do Rei Jaime) se mantiveram como referência padrão, apesar de sua dificuldade e a linguagem cada vez mais arcaica. Algumas versões tinham como meta a consistência verbal, em que uma palavra do texto-fonte seria exatamente traduzida por uma única palavra na língua-alvo. Essas traduções literais davam prioridade elevada à forma do texto-fonte e tentavam ficar próximas de sua palavra equivalente, da estrutura da frase etc. Mas essas abordagens de tradução, muitas vezes resultaram em traduções estranhas e, às vezes, incompreensíveis. Por exemplo, a tradução literal da bíblia RSV da expressão de S. Paulo "Tendo cingido seu lombo com a verdade" (Efésios 6: 14), não é entendida de imediato pela maioria dos falantes da língua inglesa.

Em sua obra "*Teoria e Prática da tradução*" (1969), Nida e Taber estabelecem propostas (chamadas de abordagem TAPOT) para a produção de uma tradução mais compreensível de tais expressões: os tradutores examinam e analisam o texto de origem, extraem o significado (ao identificar o conteúdo dos 'núcleos' de cada frase, bem como os componentes semânticos de cada item lexical) e transferem esse significado para a língua alvo. Este processo leva a uma tradução de *equivalência dinâmica*. Embora esta abordagem tenha sido alterada para enfatizar as funções comunicativas da linguagem e renomear a tradução de *equivalência funcional* (DE WAARD E NIDA 1986), em ambos os modelos de equivalência, o significado tem prioridade sobre a forma (ver EQUIVALÊNCIA). Assim, diante de uma sentença como "having girded their loins with truth", os tradutores devem 'desmontar' a frase para determinar o que Paulo queria dizer e, em seguida, procurar a expressão equivalente natural mais próxima da sua língua. Na busca de uma tradução baseada no significado, muitos tradutores rejeitaram a tradução da RSV por ser literal demais. Eles tiraram o verbo arcaico *gird*, bem como o confuso inglês antigo *loins*, e tentaram substituí-los com equivalentes modernos. Algumas versões da linguagem comum em inglês tentaram manter a imagem original, traduzindo a passagem como "stand ready, with the truth as a belt tight around your waist" [Estejam preparados, usem a verdade como um cinto] (TEV). No entanto, de acordo com os princípios da equivalência dinâmica/funcional, se a relevância de *belt* [cinto] como parte desta indumentária militar de defesa não for compreendida na cultura alvo, é possível se abandonar a imagem e expressar o significado diretamente, como em "Always be ready to defend yourself with the truth" [sempre estejam prontos para se defender com a verdade].

Outro princípio básico da tradução de equivalência dinâmica é que o que está implícito no texto pode ser explicitado, se isso for necessário para o leitor ou o ouvinte compreender corretamente a mensagem do texto original. No caso de Efésios 6: 14, um tradutor da bíblia poderia se justificar, ao tornar explícita 'a verdade (palavra de) de Deus', uma interpretação exegética aceitável neste contexto. Usando-se a abordagem de equivalência dinâmica ou funcional, pode-se também observar que certas línguas têm necessidade de tornar explícito

onde essa 'verdade' é mantida, podendo levar a uma tradução ainda mais ampla, como em 'Always keep the truth of God in your heart/mind/liver, being ready to defend yourself' [Sempre mantenha a verdade sobre Deus em sua mente coração e alma] (ver EXPLICAÇÃO).

A abordagem da equivalência dinâmica, portanto, adapta a tradução às realidades da língua e da cultura alvos, de modo que o significado ou a mensagem do texto original possam ser claramente entendidos. Os tradutores são livres para usar termos diferentes, diferentes construções gramaticais e, até mesmo, ordens diferentes de palavras e sentenças, a fim de expressar o significado do texto fonte. Na linguagem da tradução, essa abordagem 'doméstica' o texto, retirando expressões difíceis e imagens que seriam incompreensíveis ou pouco entendidas se traduzidas literalmente.

Uma vantagem nessa abordagem é que ela dá aos tradutores a liberdade de deixarem mais claros os conceitos teológicos difíceis. Por exemplo, ao se comparar a versão de Romanos 3: 28, da RSV com as versões em linguagem coloquial (TEV e CEV), vemos que a última transmite a mensagem de forma mais clara aos falantes do inglês de hoje que as versões anteriores:

RSV For we hold that a man is justified by faith apart from works of law. [Defendemos que o homem é justificado pela fé separadamente das obras]

TEV For we conclude that a person is put right with God only through faith, and not by doing what the Law commands. [Concluimos que uma pessoa é justificada perante Deus apenas através da fé e não por fazer o que a lei ordena].

CEV We see that people are acceptable to God because they have faith, and not because they obey the Law. [Vemos que as pessoas são aceitáveis a Deus devido à sua fé e não porque obedecem à lei].

No entanto, essa abordagem pode ser facilmente empregada de forma equivocada. Tradutores impulsivos ou condescendentes podem acabar parafraseando o texto. Algumas traduções deste tipo têm sido, por isso, muito criticadas por serem explícitas demais; ou seja, adicionando ou até mesmo alterando as ideias do texto-fonte. Essa é uma das razões porque muitas dessas versões estão sendo revisadas hoje. Assim, muitos tradutores podem introduzir preconceitos teológicos e ideológicos em suas traduções, de forma inadvertida (ou advertidamente!) (ver IDEOLOGIA), uma prática considerada inaceitável pela maioria das agências de traduções bíblicas de hoje (OGDEN, 1997; ZOGBO 2002).

Outra crítica dessa abordagem é que os tradutores usando esse modelo podem tomar liberdade demais, violando, assim, a historicidade. Por exemplo, é admissível que os tradutores substituam um animal da frase central "o cordeiro de Deus", por uma foca nas culturas do Ártico, onde as ovelhas não são bem conhecidas? O uso de um suco de frutas típicas ou bebida destilada para se referir ao vinho feito de uvas violam a precisão histórica da tradução e/ou privam o texto de um leitmotiv (tema) importante? Na mesma linha, ao tentar tornar tudo 'claro e natural' no texto bíblico, os tradutores podem abrandar linhas poéticas e imagem, ou '-traduzir em excesso' formas literárias, cuja beleza se reflete precisamente pela precisão e pelas múltiplas leituras possíveis. Essa domesticação tanto da forma quanto do conteúdo do texto afasta a tradução dos propósitos históricos e literários do texto original. Para uma avaliação detalhada da abordagem TAPOT de Nida e Taber, veja Wilt (2003a) e Stine (2004).

No passado, quando um tradutor expatriado e/ou um tradutor nativo tinha pouco ou nenhum acesso aos textos originais nas linguagens bíblicas, um método conhecido como a abordagem dos modelos-base foi com frequência utilizado, paralelamente à estrutura da equivalência dinâmica/funcional. Então se uma equipe de tradução não tivesse um membro qualificado em hebraico ou grego, os tradutores eram incentivados a usar uma versão mais literal em uma linguagem que eles conheciam, como a RSV em Inglês como o texto *base*, com versões mais dinâmicas (TEV, CEV), servindo como *modelo* do que uma boa tradução deveria ser. Embora muitos Novos Testamentos e algumas bíblias produzidas que utilizaram essa abordagem, produziram textos bem legíveis e populares, em alguns casos, esse método produziu traduções muito distantes da forma e significado do texto original. Algumas equipes acabaram traduzindo literalmente um texto modelo, muitas vezes, negligenciando uma excelente solução disponível na própria língua. Por exemplo, os tradutores podem procurar um equivalente da dinâmica sentença 'God has given you victory over the Midianites [Deus nos deu a vitória sobre os Midianitas]'(Juizes 7: 16 TEV), quando a língua-alvo já poderia ter uma

estrutura idêntica à do hebraico: 'God has given the Midianites into Your hands'[Deus entregou os midianitas em nossas mãos].

No entanto, apesar das deficiências e deturpações possíveis dessa abordagem, os princípios da equivalência dinâmica/funcional têm liberado os tradutores de um sistema rígido no qual a consistência palavra por palavra, especialmente em relação aos termos-chave, era considerada o ideal. Assim, uma palavra como *Grace* [graça] (*charis*, no grego), que é usada em diferentes maneiras, em muitos contextos diferentes no NT, pode ser traduzida contextualmente. Por exemplo, nas saudações padrão ('Graça e paz...'), um equivalente natural na língua pode ser usado, enquanto outro termo pode ser utilizado para traduzir o conceito teologicamente fundamental de graça em contextos onde isso é necessário (por exemplo, 'pela graça sois salvos'). Ao dar prioridade ao significado sobre a forma e ao traduzir contextualmente, os tradutores podem traduzir melhor a mensagem do texto original, trazendo uma tradução mais fiel, conforme estabelecido pelas normas dessa teoria da tradução.

As traduções na linguagem comum também têm popularizado os materiais complementares e de auxílio bíblico. No passado, o texto era considerado tão sagrado que certas versões colocavam entre parênteses ou itálico qualquer palavra que não estivesse, de fato, presente no texto hebraico ou grego. Hoje em dia, quase todas as bíblias publicadas pela UBS têm prefácios explicativos, introduções para cada livro da bíblia, notas de rodapé explicando variantes textuais e jogos de palavras, e estão equipadas com glossários úteis, mapas, gráficos, ilustrações etc.

Desde a introdução da abordagem da equivalência dinâmica/funcional, as reflexões sobre teoria e prática da tradução da bíblia continuam a evoluir. Muita atenção é agora dada ao papel do público-alvo para determinar que tipo de tradução precisa ser produzida. Os estudiosos falam menos sobre uma dicotomia estrita entre traduções literais e dinâmicas, tendendo mais a reconhecer um continuum. Por exemplo, uma comunidade pode solicitar uma tradução para ser utilizada em serviços de adoração, levando à produção de uma versão litúrgica que preserve a beleza literária e a natureza poética do texto original em hebraico (ZOGBO E WENDLAND, 2000). Já outra comunidade pode precisar de uma versão na linguagem coloquial, devido à falta de familiaridade com as Escrituras, enquanto outros públicos especiais, por exemplo, os jovens, podem apreciar melhor uma tradução que explore as características estilísticas dos gêneros orais da língua-alvo.

Hoje, antes de um projeto de tradução bíblica iniciar, é tomado grande cuidado para definir o contexto e as influências relacionadas à uma determinada tradução. Em *Bible Translation, Frames of Reference* [Traduções da Bíblia, Molduras de Referência] (Wilt 2003a), as 'molduras' socioculturais, organizacionais, textuais e cognitivas envolvidas na elaboração e interpretação dos textos são exploradas. Questões sobre quem está pedindo, patrocinado, controlando a tradução (ver LAI 2007), quem vai usá-la, com que finalidade, e quem está, de fato, por trás das traduções, se tornaram fundamentais. Os interesses da audiência também levaram à publicação de bíblias com claras inclinações ideológicas e teológicas; por exemplo, as bíblias com agendas (interesses) feministas, interesses da teologia da libertação, agendas africanistas ou afro-americanas (YORKE, 2000). A estreita relação entre IDEOLOGIA, teologia, ÉTICA e tradução é assunto de muito debate hoje, levantando importantes questões teóricas (como a linguagem inclusiva/exclusiva e a perspectiva do GÊNERO, ver BRATCHER 1995; SIMON 1996; VON FLOTOW 1997), bem como aquelas bem práticas (direitos autorais, estratégias de marketing, edições de baixo custo vs. custo alto etc.).

Hoje, o campo da tradução é abundante em discussões e debates, e há mais comunicação entre os teóricos da tradução bíblica e os que lidam com a teoria da tradução em geral. Teóricos e profissionais de tradução bíblica estão dando mais atenção à teoria literária (WENDLAND 2006), à análise do discurso (análise 'top-down' – do geral para o particular) tanto da língua fonte quanto da língua alvo (LONGACRE 1989; GRIMES 1972; BERGMAN 1994; LEVINSOHN 1987, 2000; WENDLAND 2002), à pragmática e à teoria da comunicação, em particular à teoria da relevância (GUTT 1990, 1991/2000, 2005; HILL 2006). Os teóricos que escrevem de uma perspectiva não-ocidental têm enriquecido mais a nossa compreensão do impacto da tradução bíblica sobre uma ampla gama de sociedades (WICKERI 1995; RAFAEL 1998; NAUDÉ E VAN DER MERWE 2002; LAI 2007, entre outros). O interesse pelo escopo ou função/objetivo de um texto dentro de sua comunidade tornou-se um tópico principal de discussão. A questão se é possível, necessário ou desejável reconstruir a intenção do autor de origem, a fim de refleti-la na tradução, continua sendo um assunto muito debatido até hoje.

Apesar destes novos caminhos para a reflexão e pesquisa, os parâmetros básicos para a discussão da tradução bíblica continuam os mesmos, uma vez que as traduções continuam a ser descritas como mais ou menos literal, mais ou menos estrangeiras, mais ou menos naturais. Algumas questões de fidelidade que têm sido resolvidas ou simplificadas como textos-fonte para o Antigo e o Novo Testamento, às quais tradutores aderiram, estão se tornando mais universalmente aceitas. Por outro lado, a fidelidade permanece complexa e intrigante em relação a novas formas de tradução da bíblia em mídias não-impressas, como vídeo, música, teatro e outras formas de arte (SOUKOUP e HODGSON, 1999).

Leituras adicionais

Nida 1964; Nida and Taber 1969; de Waard and Nida 1986; Gutt 1991/2000; Wickeri 1995; Soukoup and Hodgson 1999; Zogbo and Wendland 2000; Naudé and van der Merwe 2002; Wilt 2003a; Stine 2004; Wendland 2004, 2006; Noss 2007.

LYNELL ZOGBO

Tradução de Ana Carolina

Revisão de Ana Cláudia Lunkes e Ana Schäffer